

**CONVERSACIÓN A TRAVÉS DEL TIEMPO:
Paulo Freire y Edgar Morin, Un Seminario Imaginario¹**

Amanda Rafaela Ferreira Souza
amanda-souzaah@hotmail.com

Jair Moisés de Sousa
jair.moises@hotmail.com

*Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Patos
Paraíba, Brasil*

Recibido: 02/11/2018 **Aceptado:** 13/12/2018

Resumen

Un seminario imaginario es una metáfora del encuentro. Es una forma de reunir a personas que por algún motivo no se han encontrado personalmente en vida. Es también de esa forma que los humanos construyen sus propios conocimientos, pues la elaboración de lo que se piensa, ocurre de hecho, por medio de un encuentro de ideas. Mi intención fue concebir un encuentro imaginario entre Paulo Freire y Edgar Morin, inspirado en algunas de sus obras. Sus palabras fueron elaboradas por mí con base en lo que pude percibir sobre sus ideas, en la intención de discutir dos concepciones de Paulo Freire y Edgar Morin: La politicidad del acto educativo y la implicación del sujeto en el conocimiento, respectivamente. El Seminario comienza con el envío de una carta de invitación a los dos oradores, sea donde estén. Una metáfora de la invitación. Como culminación de este encuentro, presento al final del trabajo, aquello que me ha movido hasta aquí: asumir el desafío y buscar medios de alentar a educandos, educadores y yo misma a percibir sus verdaderos papeles en esta inmensa red: el mundo.

Palabras clave: Seminario imaginario, Complejidad, Educación.

**CONVERSATION THROUGH TIME:
Paulo Freire and Edgar Morin, An Imaginary Seminar**

Abstract

An imaginary Seminar is a metaphor for the encounter. It is a way of bringing together people who for some reason have not met in person. My intention was to conceive an imaginary encounter between Paulo Freire and Edgar Morin, inspired by some of their works. I elaborated their lines based on what I could perceive about their ideas in order to discuss two conceptions of Paulo Freire and Edgar Morin: The politics of the educational act and the implication of the subject in knowledge, respectively. The Seminar begins with the sending of a symbolic invitation letter, another metaphor, to the two speakers wherever they are. As the culmination of this meeting, I present at the end of the work, what has moved me so far: take up the challenge and seek ways to encourage learners, educators and myself to realize their true role in this huge web: the world.

Keywords: Imaginary Seminar, complexity, Education.

¹ Texto extraído do trabalho de conclusão de curso (TCC) da primeira autora sob a orientação do segundo autor.

CONVERSA ATRAVÉS DO TEMPO: Paulo Freire e Edgar Morin, Um Seminário Imaginário

Resumo

Um Seminário imaginário é uma metáfora do encontro. É uma forma de reunir pessoas que por algum motivo não se encontraram pessoalmente em vida. É também dessa forma que os humanos constroem seus próprios conhecimentos, pois a elaboração daquilo que se pensa, ocorre de fato, por meio de um encontro de ideias. Meu intuito foi conceber um encontro imaginário entre Paulo Freire e Edgar Morin, inspirada em algumas de suas obras. Suas falas foram elaboradas por mim com base naquilo que pude perceber sobre suas ideias, na intenção de discutir duas concepções de Paulo Freire e Edgar Morin: A politicidade do ato educativo e a implicação do sujeito no conhecimento, respectivamente. O Seminário tem início com o envio de uma carta convite aos dois palestrantes seja lá onde eles estejam. Uma metáfora do convite. Como culminância deste encontro, apresento no final do trabalho, aquilo que me moveu até aqui: assumir o desafio e buscar meios de encorajar educandos, educadores e eu mesma a perceberem seus verdadeiros papéis nessa imensa teia: o mundo.

Palavras-chave: Seminário imaginário, complexidade, Educação.

O convite: uma carta a Paulo Freire

Patos, Paraíba, 16 de Junho de 2018

Prezado Paulo Freire,

Meu nome é Amanda, sou mulher, guerreira e apaixonada pela educação. Sou aluna do Curso de Ciências Biológicas da UFCG, Campus Patos, estou concluindo o meu TCC, uma etapa de extrema importância na minha formação. Sou também professora, escolhi essa profissão por amor e por acreditar que somos capazes de mudar a educação e fazer a diferença na vida de nossos queridos alunos.

Durante a elaboração de uma proposta para o meu TCC me deparei com inúmeras dúvidas. Perguntas como: O que devo abordar? Como meu trabalho poderá interferir positivamente na educação? Sobre o que devo falar? Em qual autor me basear? E foi durante os encontros do grupo de pesquisa do qual faço parte, o PENSAR, que obtive a resposta. Durante nossas reuniões vários autores foram citados, e dentre eles, você me despertou interesse e curiosidade pelos seus fabulosos trabalhos e pela grandiosidade e contribuição de suas obras para a educação.

Suas obras me despertaram interesse por você ser um brasileiro, pernambucano, pensador crítico e lúcido na busca incessante pelo despertar do desejo e autonomia de docentes e discentes, através de novas perspectivas e há em mim um desejo incessante de reuni-lo com Edgar Morin, porém sei que pessoalmente não será possível, pois você, já é falecido, porém deixastes uma imensa produção e um legado para a educação e Edgar Morin, apesar de vivo se encontra com a idade bastante avançada, já com 97 anos.

O que me motivou a fazer esse encontro foi à semelhança das suas ideias. Meu desejo então é de reuni-los em um seminário imaginário para que, assim, seja possível expor suas ideias de forma criativa. Escolhi realizar um seminário imaginário por apresentar o propósito

de reunir pessoas que por algum motivo não o fizeram pessoalmente. Desejo fazer um encontro, reuni-los na eternidade, pois suas obras permanecerão sempre vivas na história e nunca irão morrer.

Quero convidá-lo para um debate, pois a educação precisa tomar novos rumos e, apesar do grito de seu grito ecoar há mais de 50 anos pouca coisa mudou. Eu organizarei tudo para recepcioná-lo e recebê-lo com enorme honra.

Tudo o que escreverei no decorrer desse trabalho são minhas interpretações sobre as leituras que fiz das suas obras. Admito as suas palavras como consciência, sendo este, um dos princípios da natureza do pensamento humano.

Desejo atuar como uma disseminadora do conhecimento pautando-me de parte das suas obras e dos seus legados. Sinto-me imensamente honrada em poder reunir suas obras em meu trabalho, sendo você, Paulo Freire, um dos principais nomes da educação e mediu esforços para tentar mudar nosso sistema de ensino. Sou grata a ti e expresso através das minhas palavras minha eterna gratidão.

Sem mais a tratar, despeço-me.

Cordialmente,

Amanda Rafaela Ferreira Souza

O convite: uma carta a Edgar Morin

Patos, Paraíba, 16 de Junho de 2018,

Prezado Edgar Morin,

Me chamo Amanda, sou aluna do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, sou também professora por amor, pois, acredito que ser professor vai além de um simples mediador do processo de ensino-aprendizagem e que o seu papel ultrapassa os contextos da sala de aula e meu desejo é ver a educação tomar novos rumos.

Estou realizando meu TCC, e decidi por admiração as suas vastas e expressivas obras, lhe convidar, para junto com Paulo Freire, participarem de um seminário imaginário do qual eu serei a mediadora e assim contribuir de forma grandiosa para a concretização desse sonho.

Frente à necessidade de uma reforma do ensino, não há como pensar na educação e não lembrar dos seus vastos e fabulosos trabalhos. Você é um francês ousado que dedicou sua trajetória à reforma do pensamento, à quebra de barreiras presentes no conhecimento.

Considero-o como um pensador inédito, dedicado a melhoria da educação através da reforma do ensino, da quebra de paradigmas e do rompimento de barreiras propostos pelo atual sistema educacional. Você superou abordagens conservadoras da educação, propondo ideias epistêmicas e desafiadoras da visão reducionista presente ainda hoje na grande maioria das escolas e universidades.

Um estudo relacionado à convergência de ideias entre dois importantes autores, suas implicações e propostas, apresentam um imenso interesse acadêmico e social, para que assim sejamos instigados a pensar criticamente.

Reunirei o que for possível de ideias suas, de pessoas que falam sobre suas obras, na intenção de apresentar algumas das principais convergências entre seus pensamentos e os de Paulo Freire, pautando-me da implicação do sujeito no conhecimento que faz parte do seu pensamento e da politicidade do ato educativo que Freire propôs. Sei que não é possível realizar esse encontro presencial, mas a minha intenção é fazer com que vocês dialoguem a partir daquilo que eu penso das ideias de vocês.

Os encontros não precisam ser algo meramente físico ou material, os encontros acontecem também em outras dimensões não materiais. Você contribuiu de forma significativa para a minha formação e como professora me sinto no dever de não deixar que sua história morra. Expresso aqui a minha imensa gratidão.

Sem mais a tratar, despeço-me.

Cordialmente,

Amanda Rafaela Ferreira Souza

1ª conferência – Paulo freire e a politicidade do ato educativo

Meus caros amigos,

Gostaria primeiramente de agradecer a Amanda pelo convite, e aqui deixar claro que é um imenso prazer participar desse encontro e que me sinto muito honrado.

Irei iniciar a minha fala com uma breve introdução.

Partirei de alguns dos meus princípios e objetivos, pautando-me da educação atual e da necessidade de aceitação e inserção de novos paradigmas para reforma do pensamento e consequentemente da educação.

Quero deixar claro que não elaborei uma teoria propriamente dita, mas uma compreensão ético-crítico-política da educação, que apresenta como objetivo a formação de cidadãos para a práxis progressista, capaz de transformar a realidade social, política e econômica frente às desigualdades existenciais (FREIRE, 2018).

Relato aqui também que não sei de tudo, e que gosto de não saber, pois quando não somos detentores de todo conhecimento temos a possibilidade de aprender cada dia mais, e gosto disso, porque sábio é aquele que aprende constantemente.

O que proponho é uma nova forma de aprender, e não uma metodologia de ensino. Sou um educador que busco incessantemente por uma epistemologia pedagógica que integre saberes e favoreça a autonomia do aluno, reconhecendo-o e respeitando-o, quebrando paradigmas impostos pelo ensino, rompendo o paradigma tradicional e tecnicista, que delimita o conhecimento e autonomia do aluno. Uno as perspectivas científicas e sociais, sendo, portanto, meu pensamento multidimensional, superando fronteiras conceituais (FREIRE, 1996).

A minha compreensão ético-crítico-política da educação apresenta como um dos princípios a politicidade do ato educativo, onde expresse a necessidade de recriação do modelo de ensino e da libertação dos educandos nos diversos campos, não apenas no cognitivo, mas também no social e no político. O que busco são meios para despertar criticamente o interesse do aluno e a capacidade de pensar como um ser social, despertando-o para a cidadania, incluindo suas vivências e conhecimentos pessoais no contexto escolar.

Gostaria de dizer inicialmente que a educação é um ato político, não no sentido partidário, mas no sentido de pertencimento, de participação nas relações sociais. A politicidade do ato educativo contribui para o entendimento da inserção do “eu” na sociedade, marca uma posição no mundo e nos faz entender o nosso pertencimento, demandando novas ações, transformações e rupturas.

A política é capaz de dar sentido e liberdade aos cidadãos, construindo um mundo socialmente justo e igualitário para todos. Nós como seres humanos integrantes de uma imensa biosfera, devemos entender que fazemos parte do todo, do global e vivemos em uma sociedade livre e aberta.

Apresento como objetivo o respeito pelo educando e a busca pela sua autonomia, expressando a dialogicidade como objetivo do processo ensino-aprendizagem. Proponho que o educador estimule a organização dos conhecimentos e autoestima do educando para que assim ele participe ativamente do processo educativo (FREIRE, 1999).

Minha perspectiva é, antes de tudo, superar as práticas de opressão social e caminhar rumo a uma cultura humanizadora. Para que a minha luta política tenha sucesso, necessitamos ensinar as pessoas a viver culturalmente, a construir seus próprios caminhos.

A aprendizagem relacionada à cidadania deve ir além das salas de aula, deve ser um dever de todos os setores da sociedade. É necessário que haja debate, participações e decisões

coletivas, para que assim a transformação da sociedade seja possível. Devemos então, romper os paradigmas impostos pela elite dominante e promover uma nova realidade sociocultural.

Devemos buscar a superação da prática “bancária” de ensino, onde o professor é o sujeito que detém todo conhecimento e o aluno é tido como um objeto que apenas recebe o conteúdo. “A educação em que educadores e educandos se fazem sujeitos do seu processo, superando o intelectualismo alienante, superando o autoritarismo do educador “bancário”, supera também a falsa consciência do mundo” (FREIRE, 2018, p. 105).

Expresso aqui de forma clara e objetiva que devemos possibilitar aos oprimidos o direito a humanização. Pois, “a violência dos opressores, que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a de ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos” (FREIRE, 2018, p. 41).

A educação que almejo,

Não ensina a repetir palavras, não se restringe a desenvolver a capacidade de pensa-las segundo às exigências lógicas do discurso abstrato, simplesmente coloca o alfabetizando em condições de poder re-existenciar criticamente as palavras de seu mundo, para, na oportunidade devida, saber e poder dizer a sua palavra (FREIRE, 2018, p. 17) .

Temos que respeitar os sentimentos das pessoas e ajudá-las a confrontarem a si mesmas, pois, temos que aprender a lidar com nossas próprias dificuldades, para que assim consigamos alcançar a esperança (FREIRE, 2018).

Não há sentido uma educação desenraizada da realidade social do educando, devemos então buscar uma educação autêntica e verdadeira que possibilite a autonomia dos oprimidos. Pois, “a redução da educação a técnicas é absolutamente indispensável para a continuidade de uma sociedade como esta. Mas na sua melhor forma a educação é muito mais do que técnica” (FREIRE, 2018, p. 101).

Diante disso, é necessário uma pedagogia que possibilite uma vida mais digna, livre e de realizações que não induza ações individuais apenas, mas da práxis coletiva, pois não há conhecimento pronto e acabado. Pelo contrário, aprendemos com experiências anteriores e as vivenciadas cotidianamente. Como afirma Ilya Prigogine “A natureza não é, porém, um dado; implica uma construção da qual nós fazemos parte” (PRIGOGINE, 2009, p. 86).

Nós temos que entender que o homem é parte integrante da natureza e, diante disso, não devemos nos subtrair. Por vezes nos referimos a natureza como se não fizessemos parte dela, mas o fazemos, e de forma grandiosamente importante.

Assim como afirma Edgar Morin, “O mundo torna-se, cada vez mais, um todo. Cada parte do mundo faz, mais e mais, parte do mundo, e o mundo, como um todo está, cada vez mais, presente em cada uma de suas partes” (MORIN, 2011, p. 58). Devemos evitar a compartimentação e a disjunção que impede o entendimento do global, pois a especialização abstrai e desfigura o real.

Maria da Conceição de Almeida aborda amplamente em seu livro *Ciências da complexidade e educação* a relação entre o observador e seu meio externo, nos fazendo refletir sobre o real papel do sujeito no mundo, pois:

Diferentemente do que é anunciado nas aulas de ciência e de metodologias de pesquisa, cientistas e pesquisadores olham o mundo a partir do lugar de um observador constituído por sua subjetividade, suas experiências de vida, seus saberes acumulados, sua cultura, sua história pessoal (ALMEIDA, 2017, p. 18).

O que acontece é que nos excluímos como sujeitos integrantes do domínio da natureza, nos tornando expectadores de um mundo (objeto) vazio e sem forma, e assim não conseguindo encontrar nosso verdadeiro lugar. Temos que entender que fazemos parte desse universo e que sua construção depende de nossas experiências, memórias, crenças e valores. Eu insisto na importância da politicidade do ato educativo, assumindo a necessidade da libertação dos oprimidos e ressalto que o medo da liberdade não pode ser alimentado, devemos impulsionar a esperança para que haja a transformação da sua realidade.

A autonomia é necessária para que tenhamos uma educação que fuja do tecnicismo e se apresente em novas bases, formando cidadãos para o mundo com capacidade de pensar e agir independentemente.

A criticidade e liberdade inspira-nos a acreditar que a mudança é capaz, pois é possível ir além do óbvio e a acreditar em uma educação melhor, como inspiração para os educadores e esperança para os alunos que sonham em obter equidade e justiça frente as desigualdades sociais e existenciais.

A minha epistemologia rompe paradigmas e quebra barreiras impostas por um sistema elitizado presente na educação. Meu objetivo é contribuir para a formação de um sistema de ensino justo e democrático, pautando-me da reforma do ensino através da centralização do educando e da sua atuação como sujeito ativo no processo ensino-aprendizagem.

A educação apresenta algumas condições para que alcance o êxito desejado: A presença de professores e estudantes articulando os conhecimentos reciprocamente e os utilizando em

suas relações sociais e a necessidade de articulação e entendimento de que a qualidade do processo educativo requer implicações técnicas, filosóficas, estruturais e políticas (FREIRE, 2018).

Devemos entender que a problematização reflexiva e a comunhão entre pessoas, seres e saberes contribuem positivamente para educação e humanização, visto que devemos englobar os conhecimentos dos alunos e das disciplinas como meio de ampliar nossa capacidade cognitiva e comunhão dialógica, influenciando positivamente para restauração da autonomia dos oprimidos.

Eu demonstro a importância de educar a esperança, buscando novos rumos e novos pilares para uma educação do futuro, orientando sempre homens e mulheres sobre sua inserção no mundo. É necessário que o educando mantenha a sua curiosidade e use suas experiências de vida como conhecimentos adquiridos no decorrer da sua vida, pois ninguém se torna gente sozinho e ninguém educa a si mesmo, nós nos educamos em comunhão (FREIRE, 1992).

Posso relatar com clareza que “não há docência sem discência, as duas se explicam, e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro” (1996, p. 23) e como diz Prigogine “(...) as questões sobre a realidade da natureza e sobre a existência humana são inseparáveis” (PRIGOGINE, 2009, p. 86).

O educador faz e refaz o conhecimento juntamente com os educandos, não apenas transferindo conhecimentos, mas oportunizando a abertura de novos saberes, pois, “(...) ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado” (FREIRE, 1996, p. 23).

Pronuncio que o estudante deve ser instigado a pensar criticamente e entender o real sentido do global, da comunhão entre pessoas, seres e saberes. Morin em seu livro *Os sete saberes necessário à educação do futuro* expressa que “a educação deve promover a “inteligência geral” apta a referir-se ao complexo, ao contexto, de modo multidimensional e dentro da concepção global” (MORIN, 2011, p. 36).

Assim como cita Izabel Petraglia, “a ciência que liberta não pode aprisionar, isto é, as potencialidades devem ser benéficas e não destruidoras; para isto é preciso que se instaure o diálogo reflexivo e crítico das inter-relações entre ciência, sociedade, técnica e política” (PETRAGLIA, 2011, p. 56).

A experiência histórica, cultural, social e política dos indivíduos devem ser utilizadas e valorizadas na construção do conhecimento. O aluno deve ser livre e não aprisionado a um sistema mecânico de métodos de ensino pré-moldados. Precisamos que haja uma solidariedade política e social para que possamos ser nós mesmos e assumir assim nossa real importância. O professor juntamente com os alunos devem romper com as contradições a transformação da sociedade.

Como cita Maria da Conceição Xavier de Almeida em sua obra *A condição humana e a formação transdisciplinar*,

É preciso que o professor seja formado para ampliar suas escolhas cognitivas e as de seus alunos, para que possam coletivamente arquitetar e ensaiar novas escolhas sociais, éticas, políticas. É necessário que a escola se transforme no lugar de fecundação de novas utopias realistas (ALMEIDA, 2014, p. 91).

A sociedade é construída através do convívio social, de nossos saberes adquiridos, de nossos gestos, crenças, memórias, desejos, etc. Nós somos capazes de moldar o mundo em que vivemos e torná-lo apto as nossas necessidades cotidianas, pois, somos antes de tudo um ser de relações e é impossível conceber nossas vidas sozinhos.

Precisamos de uma pedagogia que respeite a autonomia do educando, que o provoque a se assumir como sujeito. “Na verdade, seria incompreensível se a consciência da minha presença no mundo não significasse já a impossibilidade de minha ausência na construção da própria presença” (FREIRE, 2000, p. 51).

Finalizo minha fala dizendo que a luta que assumi há décadas em busca de uma educação justa e igualitária continuará viva na nossa história. Creio que meu desejo se fará presente e se renovará a cada dia, porque minha fome e sede de vitória estão além de qualquer obstáculo.

2ª conferência – Edgar morin e a implicação do sujeito no conhecimento

Caros Amigos, Senhoras e Senhores

É para mim uma imensa satisfação ter recebido esse convite para falar sobre minhas obras, mais especificamente da implicação do sujeito no seu próprio ato de conhecer. Gostaria de agradecer imensamente e dizer que sinto-me emocionado e lisonjeado pelo carinho que recebi, e a você Amanda quero deixar meu agradecimento sincero.

Vou começar por uma breve introdução.

Partirei do pensamento complexo e da necessidade de inserção do “eu” e da articulação entre as disciplinas para um entendimento planetário e da problemática enfrentada pela fragmentação dos conhecimentos.

“Mas afinal o que é complexidade? Em primeiro lugar devo dizer que, para mim, a complexidade é o desafio e não a resposta” (MORIN, 2002, p. 102). “O que denomino pensamento complexo é o que visa ultrapassar a confusão, o embaraço e a dificuldade de pensar com o auxílio de um pensamento organizador: que separa e que religa” (MORIN, 2015, p. 118).

Acredito que o sujeito deve assumir o papel de observador e se reintegrar com o objeto analisado. Devemos então ser autores da nossa própria história, e digo autores de todas as formas, no âmbito social e pessoal, devemo-nos assumir como sujeitos integrantes do mundo que nos cerca. Ser autor é assumir as suas ideias. Eu sou um autor que se autodesigna e assim devemos o ser (MORIN, 2002).

“Existe complexidade, de fato, quando os componentes que constituem um todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico) são inseparáveis e existe um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre as partes e o todo, o todo e as partes” (MORIN, 2003, p. 14).

Deparamo-nos com um método cartesiano de ensino, no qual os alunos de alfabetização ou mesmo universitários usam métodos tecnicistas, pois foram ensinados a repetir e não a dar forma e opinião as coisas. Em minhas obras sempre me insiro como integrante da história, e assim devemos fazê-lo sempre. Então me auto questiono,

Porque falar de mim? Não é decente, normal, sério que, tratando-se de ciência, de conhecimento, de pensamento, o autor se apegue em sua obra e se dissipe em um discurso tornado impessoal? Nós devemos pelo contrário, saber que é aí que começa o teatro. O sujeito que desaparece em seu discurso se instala na verdade na Torre de Controle (MORIN, 2013, p. 38).

O meu discurso é claro e objetivo e identifico-me como observador e sujeito da minha própria história. “Não é a ciência anônima que se exprime por minha boca” (MORIN, 2013, p. 38).

Nós devemos interrogar-nos sobre nossa posição no mundo, objetivando um entendimento centrado na condição humana. Assim, os seres humanos devem reconhecer a diversidade cultural e o pertencimento a humanidade de forma existencial, pois, se conhecer significa situar-se no universo e não separar-se dele.

A compartimentação e especialização do conhecimento provocam danos,

Gostaria também de tentar justificar a missão impossível que pareço ter-me fixado. Sei que ela é impossível no plano da completude e do acabamento, mas o que não posso, eu, pessoalmente, é aceitar as degradações e os danos que provocam a compartimentação e especialização do conhecimento (MORIN, 2002, p. 101).

Devemos pensar sobre o problema do ensino que sofre cada vez mais os efeitos negativos da compartimentação dos saberes, impossibilitando a articulação dos conhecimentos entre si, e destes à vida. Como profere Nicolescu, nós educadores não dispomos de receitas para religar os saberes à vida, mas podemos conduzir a mente a religar os saberes e assim preparar-se para enfrentar a vida (NICOLESCU, 2008).

É importante lembrar que os conhecimentos não são adquiridos individualmente, mas é coletivamente que os principais objetivos da educação são alcançados. Almejamos uma educação não que disjunte, mas que una. É importante lembrar a importância da cultura, pois é ela que nos fornece conhecimentos e valores que guiam e orientam o fazer humano.

Infelizmente, com nosso atual sistema defasado de ensino, somos ensinados desde cedo a separar e fragmentar as coisas, o que nos impossibilita de assumir a complexidade do real e do entendimento do global.

A especialização dos conhecimentos se torna um problema inevitável, interferindo negativamente na prática educativo-crítica, “(...) apercebemo-nos de que esta divisão do conhecimento em disciplinas, que permite o desenvolvimento dos conhecimentos, é uma organização que torna impossível o conhecimento do conhecimento” (MORIN, 2002, p. 20).

Para que alcancemos o tão almejada educação que estimule a autonomia e liberdade de espírito, faz-se necessária antes de tudo uma mudança de pensamento, pois, a autonomia mental é alcançada através da cultura, da consciência, dos perigos, das incompreensões, das incertezas (MORIN, 2003). Sendo assim, a educação para a autonomia está diretamente relacionada à educação para o viver, assumindo o professor um papel crucial e de extrema importância nesse processo.

Assim como Freire profere em sua obra *Pedagogia da autonomia*, “O respeito à autonomia e a dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros (FREIRE, 1996, p.59). O professor não deve desrespeitar a curiosidade e autonomia dos alunos, mas deve, porém, respeitá-la, despertando seu interesse e sua curiosidade.

A minha proposta é transdisciplinar e busca incessantemente pelo rompimento do reducionismo, visando assim como Paulo Freire em seu livro *a Pedagogia da Autonomia* romper ideias separatistas e ampliar em nossas mentes uma visão integrativa como nova proposta da educação.

Insisto na necessidade de um conhecimento conjunto, que una,

Enfrentar a dificuldade da compreensão humana exigiria o recurso não a ensinamentos separados, mas a uma pedagogia conjunta que agrupasse filósofo, psicólogo, sociólogo, historiador, escritor, que seria conjugada a uma iniciação à lucidez. (MORIN, 2003, p. 51).

A questão central é que nós fomos ensinados a separar e isolar as coisas, e assim encontramos-nos desarmados e incapazes de entender o complexo. Somos privados de conhecer a sociedade, pois o pensamento que distingue e desune não nos possibilita conhecer a realidade social. Não podemos conhecer a sociedade a partir de indivíduos e grupos analisados isoladamente, para isso necessitamos juntar as partes ao todo e o todas às partes.

Atualmente o paradigma fragmentado e mecanicista que utiliza as disciplinas isoladas como meio para o conhecimento, esquece de questões importantes relacionadas a integração dos saberes, colocando o individual e parcial acima do global. “De fato, a hiperespecialização impede tanto a percepção do global (que ela fragmenta em parcelas), quanto do essencial (que ela dissolve)” (MORIN, 2011, p. 38).

Eu sou um mero apaixonado pela educação e não meço esforços para alcançar a tão sonhada educação socialmente justa e igualitária. Considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, tanto quanto conhecer o todo sem conhecer as partes. Devemos então ver além do conhecimento fragmentado que oculta as interações entre um todo e suas partes e anula a complexidade.

Os saberes separados e fragmentados apresentam consequências negativas à educação,

A rarefação do reconhecimento dos problemas complexos, a superabundância dos saberes separados e dispersos, parciais e fragmentários, cuja dispersão e fragmentação são em si mesmas fontes de erro, tudo isso nos confirma que um problema-chave de nossa vida de indivíduo, de cidadão, de ser humano na era planetária, é o problema do conhecimento (MORIN, 2015, p. 17).

Eu incluo em minhas obras propostas para reforma do ensino através da superação da fragmentação, no qual as disciplinas não sejam vistas como isoladas, mas sim de forma interligada, de forma que facilitem a compreensão e assimilação por parte do aluno. A

fragmentação de saberes influencia na sociedade, no comportamento pessoal e na relação com o meio ambiente.

Necessitamos urgentemente de uma reforma do pensamento que permita a ligação dos saberes e possibilite a união de culturas. Assim irão ressurgir novas esperanças e expectativas, possibilitando o surgimento de uma cabeça bem feita e do ensino da condição humana.

A educação para a vida vai muito além da individualidade. Ressalto que não é apenas pessoal, mas precisamos da coletividade para que a autonomia seja alcançada. Dessa forma, ela se insere em um contexto social, coletivo.

Eu deixo bem claro que “se perdermos de vista o olhar do conjunto, o do local no qual trabalhamos e, bem entendido, o da cidade onde vivemos, perdemos *ipso facto* o sentido da responsabilidade (...)” (MORIN, 2015, p. 133).

Julgo o processo de fragmentação como enfraquecedor da relação entre as partes e o todo. É necessário que haja a ruptura e superação do atual paradigma que rompe os saberes e interferem negativamente na aprendizagem. Para que se abram novas portas, no qual os saberes sejam vistos e repassados de forma interligada. Para isso, é necessário que haja uma total mudança de mentalidade e conseqüente mudança no sistema de ensino.

Expresso minha indignação com o atual sistema de ensino que utiliza fragmentação das disciplinas e disjunção das partes com o todo. “Ao parcelar os conhecimentos em fragmentos separados, nossa educação não nos ensina senão muito parcial e insuficientemente a viver, ela se distancia da vida ao ignorar os problemas permanentes do viver que acabamos de evocar” (MORIN, 2015, p. 27).

O atual modelo proposto pelo sistema de ensino não promove a integração dos conhecimentos, mas ao invés disso, fragmenta-os, dificultando e porque não dizer impedindo a visão do todo. O global é mais que o contexto, é o conjunto das diversas partes ligadas.

É bem claro para nós que “o pensamento que nos religa ao cosmo não nos reduz ao estado físico” (MORIN, 2015, p. 132). Nós estamos inseridos na natureza e fazemos parte dela e devemos entender que reestabelecemos nossa solidariedade através de um pensamento que religa. Não devemos unificar e desunir saberes e crenças, mas ao contrário, devemos buscar entender que somos integrantes do global e tão igualmente importantes quanto quaisquer outros seres.

O indivíduo não é capaz de suprir as suas demandas sozinho, ele sempre apresentará dependência. No decorrer da minha caminhada ficou perceptível e bem claro para mim que não há autonomia sem a compreensão de nossas múltiplas dependências. É nosso dever, assim como pronuncia Freire “saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber” (FREIRE, 1996, p. 61).

A fragmentação de conteúdos e separação dos saberes gera dificuldade de assimilação e entendimento social e planetário, causando problemas para a compreensão do complexo e tornando invisível as interações existentes entre as partes e o todo.

Como cita Maria da Conceição Xavier de Almeida em seu livro *Ciências da complexidade e educação*, “Somos herdeiros de uma patologia do pensamento quando julgamos impossível a comunicação entre nós; quando entendemos que, porque somos distintos em nossos saberes, somos separados”. (ALMEIDA, 2014, p. 80). Devemos entender, portanto, que somos indivíduos interligados, integrantes do global e que atuamos em reciprocidade ativa.

Existe uma inadequação cada vez maior e mais grave com relação à disjunção, compartimentação e fragmentação dos conteúdos. Um conhecimento que desune não permite ao sujeito posicionar-se sobre os problemas da realidade e a vivência em sociedade. Devemos então buscar a reforma do pensamento com o propósito de “enxergar” não o pessoal e unidimensional, mas aquilo que é transversal, multidimensional, global.

Como cita Severino Antônio “(...) para constituirmos genuinamente um conhecimento vivo, é preciso ir além das fragmentações e dos especialismos que impedem a interpretação compreensiva” (ANTÔNIO, 2009, p. 20).

A educação vai muito além do simples fato de transmitir conteúdo, ensina porém a viver, como já mencionei:

Atualmente, ainda não existe questionamento a respeito das enormes lacunas que se ampliam e se aprofundam, transformando-se em buracos negros quando se trata da própria missão da educação, do ensino médio à universidade, que é essencialmente: ensinar a viver (MORIN, 2015, p. 66).

Mostro em minhas obras a dificuldade de compreensão e assimilação por parte dos alunos quando se tem um conhecimento fragmentado. O que proponho vai além de uma simples teoria, são meios de despertar e incitar as mentes a lutarem contra a parcialidade, os erros, a fragmentação e a separação.

Devo falar que,

Efetivamente, a inteligência que só sabe separar fragmenta o complexo do mundo em pedaços separados, fraciona os problemas, unidimensionaliza o multidimensional. Atrofia as possibilidades de compreensão e de reflexão, eliminando assim as oportunidades de um julgamento corretivo ou de uma visão a longo prazo (MORIN, 2011, p. 14).

Julgo a classe escolar como o espaço perfeito para o início da transformação de paradigmas, visto que é um local heterogêneo, com diversidade de emoções e culturas. É necessário que haja reforma na educação e nas metodologias de ensino, porém é necessário para isso um esforço complexo.

Devemos entender que antes é necessário que haja a reforma do pensamento para que possamos ver o mundo de forma mais integral e com menos especialidades, favorecendo assim, a aptidão natural da mente para resolver os problemas e estimular a inteligência.

A educação que almejo é uma educação que possibilite a formação integral do ser humano e não a existência de fragmentos incomunicáveis que separam e distorcem o real, pois, a natureza e o homem dialogam, naturalmente, entre si.

Meu objetivo diante das minhas obras, é a busca por uma educação multidisciplinar e multidimensional, para que o individual seja superado e a busca pela interligação dos saberes seja uma constante. Espero profundamente que minhas obras sejam lidas, aceitas e colocadas em prática, para que assim, a luta que cravei há décadas seja alcançada. Não medirei esforços para demonstrar a importância do meu modelo de ensino. Obrigado a todos.

Minhas considerações – e eu? Quem sou eu depois que estive com Paulo Freire e Edgar Morin em um seminário imaginário?

É hora das considerações.

Como posso iniciar minhas considerações depois de realizado meu tão almejado sonho de encontrar Paulo Freire e Edgar Morin em um seminário imaginário? Posso iniciar dizendo que foi algo simplesmente fantástico e inacreditável.

Depois que estive com Freire e Morin me sinto uma pessoa mais segura de minhas convicções e opiniões. Eles me mostraram através de suas obras que somos pessoas com autonomia própria, capazes de assumir o papel da vida como sujeitos participativos do nosso imenso objeto: o mundo.

Através de suas obras consegui viajar na minha imaginação e sonhar cada vez mais com uma educação libertadora. Através da minha leitura pude desfrutar das mais belas sensações, uma mistura de prazer, emoção e desejo em mergulhar nesse mundo tão mágico.

Creio que podemos unir forças com o propósito de mudança da educação, pois, ela está além do simples fato de gerar e transmitir conhecimento, de forma mecânica. A educação é capaz de romper paradigmas impostos pelo sistema elitizado de ensino, e os educadores juntamente com educandos devem lutar e persistir reciprocamente para que a os sujeitos se encontrem em seu mundo.

Devemos entender que não somos apenas uma pequena parte da espécie humana, mas toda a espécie humana se encontra em nós através de vivências, experiências, crenças, valores, culturas, muito mais que isto, nós fazemos parte do todo, e somos uma parte grandiosamente importante.

Posso dizer que a educação não se resume a transmitir e receber conhecimentos, mas receber, assimilar e utilizar esse conhecimento ao seu favor, como um artifício para entendimento e inserção social. Um pensamento transdisciplinar nos induz a compreensão, um pensamento fragmentado aumenta as chances do erro e da ilusão inconsciente. A natureza se encontra desintegrada no ensino o que impossibilita nossa real compreensão do que é ser humano. É necessário que haja a restauração desse pensamento e que venhamos a entender nossa verdadeira identidade.

A participação do sujeito no conhecimento requer alguns limites e sua declaração de existência. Digo limites porque o sujeito enfrentará alguns paradoxos existenciais, visto que terá que ser capaz de associar o conteúdo à vivência cotidiana, utilizar seus conhecimentos como prática de aprendizagem, suas crenças, religiosidade, antepassados, angústia, desejos, tudo isso implicará no seu processo ensino-aprendizagem.

Devemos entender que não há verdade absoluta, e que tudo é passível de discussão e mudança, sendo assim não há conhecimento pronto e acabado. O aluno deve ser motivado a ter opinião própria e entender sua importância e capacidade como educando.

Vivemos em um tempo de expectativas e ansiedades. Temos uma luta cravada há décadas com um objetivo fundamental que é a mudança social. É hora de unir esforços e formarmos alianças para tentar atingir o tão almejado propósito: Uma educação libertária e transformadora.

Hoje, depois de ter conseguido vivenciar tão fabulosa experiência, posso dizer que meu amor pela educação cresceu ainda mais. Germina em mim a semente da mudança e quero inspirar-me na luta daqueles que acreditam em uma educação humanizada e, assim como eu, desejam ver um sol nascer para o despertar da educação.

Deixo aqui os meus sinceros agradecimentos a todos que contribuíram para o meu trabalho, em especial a Morin e Freire, que, mesmo não se encontrando presentes fisicamente, pude senti-los com corpo, alma e espírito e desfrutar das mais belas sensações e desejos. Pude através de suas obras conversar com ambos e debater minhas principais angústias e inquietações. Posso dizer que me sinto realizada.

MINHAS INSPIRAÇÕES

ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de. *A condição humana e a formação transdisciplinar*. Revista Acadêmica de Filosofia, Caicó, RN, ano VII, n. 1, p. 77 – 92, 2014.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. *Ciências da Complexidade e Educação: razão Apaixonada e Politização Do Pensamento*. 2. Ed. Ver., ampl. - Curitiba, Appris. 2017.

ANTÔNIO, Severino. *Uma nova escuta poética da educação e do conhecimento*-Diálogos com Prigogine, Morin e outras vozes. São Paulo: Paullus, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. 23ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da solidariedade*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução Eloá Jacobina. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, 2011.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Tradução de Eliane Lisboa. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MORIN, Edgar. *O método 1: a natureza da natureza*. Tradução Ilana Heineberg. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MORIN, Edgar. *Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação*. Tradução de Edgar de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. Intervenção/Resposta de Edgar Morin. In: *O problema epistemológico da complexidade*. MARQUES, Antônio; RODRIGUES, João Resina; GAGO, José Mariano; BARRETO, Maria Manuel Araújo; COELHO, Eduardo Prado; JESUÍNO, Jorge Correia; BARRETO, Luís Filipe (Part.) Publicações Europa-América, 2002.

NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo: Triom, 2008.

PETRAGLIA, I. C. *A Educação e a Complexidade do Ser e do Saber*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

PRIGOGINE, Ilya. *Ciência, razão e Paixão*. 2. Ed. Ver., ampl. ALMEIDA, Maria da Conceição de; CARVALHO, Edgar de Assis (Org.). São Paulo: Editora e livraria da Física, 2009.

Autores:

Amanda Rafaela Ferreira Souza

Autores. Amanda Rafaela Ferreira Souza. Professora Graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Patos, PB
amanda-souzaah@hotmail.com

Jair Moisés de Sousa

Professor, Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Patos, PB
jair.moises@hotmail.com